

A globalização é um boi voador

Gustavo H. B. Franco

A globalização, quando aqui aportou, criou uma entusiasmada legião de detratores e profetas do Mal. São sábios de ar circunspecto e contrariado, que alegam possuir as chaves secretas para decifrar os caminhos sempre maléficos do Capital. Especialmente este capital financeiro fictício, virtual, imoral e assassino, que precisa ser aprisionado com urgência. A globalização, para esse povo, é uma mitologia, um embuste, uma conspiração, que precisa ser detida. Não se sabe bem o que é, afinal, essa tal de globalização, mas é como na música do Chico Buarque ("O boi voador"): "manda prender esse boi seja esse boi o que for".

Mas mesmo dentre estes sombrios rapazes de linguagem parnasiana e aspecto tísico, a todo momento desancando a globalização e "isso que aí está", o processo desperta fascinação e deslumbramento. Repete-se, assim, uma ambiguidade antiga como Marx, que em 1848 diria que "a moderna sociedade burguesa é como uma feiticeira incapaz de controlar os poderes ocultos desencadeados pelo seu feitiço". Mas o progresso gerado pelo capitalismo é descrito com requintes de encantamento: "nos últimos 50 anos, ele diz, a humanidade conheceu mais progresso material que em toda a experiência humana anterior". E a cada ano, desde então, era possível repetir essa mesma observação, geralmente numa das Exposições Universais, num reconhecimento de que o mundo havia entrado em uma espiral de progresso que se tornou contínua graças ao duradouro casamento entre a Ciência e a Produção.

Nos últimos anos os progressos foram mais acentuados no terreno das tecnologias de informação, cujas implicações têm sido experimentadas a todo momento e numa velocidade que não encontra paralelo. O tempo necessário para a internet unir 100 milhões de pessoas, de toda parte do mundo, será dez ou vinte vezes mais curto que o necessário para o rádio atingir essa mesma difusão, e sem a mesma dimensão planetária. As distâncias desapareceram, a informação circula na velocidade da luz e o mundo parece um lugar diferente.

Mas por mais espetacular que possa ser, o progresso sempre foi e sempre será destruição criadora, ou seja, sempre fará vítimas ou, no mínimo, deixará excluídos, intocados pela sua mágica. Por isso mesmo, sempre estará sujeito à condenação moral, porque nunca será capaz de construir sem destruir, como insistia Schumpeter e também Goethe, até de forma mais veemente. Por isso Mefisto diz a Fausto: "como você pode ser tão ingênuo a ponto de acreditar que Deus realmente criou o mundo a partir do nada? Com efeito, nada provém do nada, e tudo é apenas função de tudo aquilo que você chama pecado, destruição, mal". Atrás de toda fortuna há sempre um crime, disse Lenin. Por isso, e desde que começou, o Progresso, qualquer que seja sua manifestação histórica específica – e a de hoje é designada como "globalização"- sempre poderá ser descrito como "horror econômico", como ataque à Natureza e aos Deuses, como aquele encetado por Prometeu, o mortal que roubou o Fogo Sagrado, que era grotesco e monstruoso na novela de Mary Shelley (o Frankenstein, convém lembrar, tinha como subtítulo, o Moderno Prometeu, e no fundo, nada mais descrevia que uma experiência genética), mas que hoje é celebrado como nos livros de David Landes sobre a história de tecnologia e da Revolução Industrial.

A globalização, como qualquer tipo de progresso, dá lugar a dúvidas. Os economistas parnasianos, e aqueles com as visões "alternativas" ou "perspectivas críticas", alegam que esse progresso advém de forças desligadas do mundo do trabalho e da fumaça das fábricas. Os valores criados pela globalização são fixados em entidades virtuais, mercados financeiros distantes da realidade e governados por especuladores. Os valores dessa sociedade não podem deixar de ser falsos, imorais e especulativos. Esses valores se sobrepõem de forma criminosa às culturas nacionais, e às identidades locais. Esses valores devem estar inflados, sobrevalorizados e devem ser como uma dessas "bolhas" financeiras prestes a explodir por força de suas contradições inerentes, assim produzindo crises "financeiras" como as dos últimos anos, que servem para destruir artificialismos e colocar as coisas nos seus devidos lugares.

O verdadeiro progresso não pode ser gerado por este capital vagabundo, especulativo e "de motel", que deve ser controlado, vigiado, preso e condenado. Apenas um Estado Redentor, agora supranacional, poderá enfrentar esse desafio. Será necessária uma mobilização planetária, a nova Revolução Mundial, para unir os

governos, os movimentos sociais, as ONGs, numa imensa corrente, quem sabe uma CPI global, para desmontar essa imensa conspiração.

Desde que a moeda perdeu seu vínculo com a Natureza, seu lastro, sua conversibilidade em uma mercadoria sagrada, cujo peso era valor, a representação passou a predominar sobre a substância. O mundo da moeda fiduciária é uma terra de convenções, e de ilusões. A moeda passa a ser uma mercadoria profana, um mísero pedaço de papel assinado por um ministro ou um banqueiro, e portanto, um valor ilusório e sujeito a manipulações e aos desígnios dos poderosos. A moeda-papel não tem valor intrínseco, assim como todos esses instrumentos financeiros, esse papelório sem lastro na realidade da produção, negociado nesses recintos pecaminosos de gente se empurrando aos berros. Todo esse movimento não pode deixar de ser falso e enganoso. Isso não pode ter valor, como o boi, que não pode voar, nem mesmo em letra de música.